



DESENVOLVIMENTO E FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS: REPERCUSSÕES SOCIAIS E TERRITORIAIS

Milton Luiz Wittmann
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

RESUMO

O tema *'Desenvolvimento e fundamentos epistemológicos: repercussões sociais e territoriais'* constitui-se em um ensaio teórico envolvendo ciência e sociedade enquanto epicentros do desenvolvimento e por aprofundamentos frutos de reflexões teórico-conceituais. As reflexões, objeto deste trabalho, têm origem nas matrizes epistemológicas e de como estas inferem no desenvolvimento, na sociedade e nas organizações numa circularidade referencial dos ambientes econômico, social, cultural, histórico e político. Neste sentido, no lugar tradicional de descrever amostra e técnicas processuais de campo, este trabalho consiste em aprofundar um quadro conceitual analítico envolvendo matrizes epistemológicas ancorado nas trocas conceituais entre pesquisador e objeto numa abordagem fenomenológica. Os aportes desenvolvidos proporcionaram descrever preliminarmente uma linha de ação conceitual a partir de referenciais para construir formas de visualizar e conhecer cognitivamente o desenvolvimento percebido ou a ser desvelado a partir da análise das matrizes epistemológicas. Metodologicamente, a base conceitual consistiu em um enfoque investigativo relacional de realidades sociais como forma de compreender conceitualmente o desenvolvimento com as estruturas, relações, estratégias e comportamentos sociais. Conclusivamente, pode-se tecer o quão fortes são as fontes conceituais inferentes ao desenvolvimento, pois estas estabelecem, no formato de paradigmas, as concepções da sociedade nos seus arcabouços institucionalizados, embora não sejam permanentes, pois são estabelecidas paradigmaticamente para concepções sociais e períodos historicamente determinados, a exemplo do positivismo e da teoria sistêmica e da complexidade.

Palavras Chave: Desenvolvimento; Teoria do desenvolvimento; Matrizes epistemológicas

1 Introdução

O objeto deste trabalho *'desenvolvimento: fundamentos epistemológicos'*, aborda o desenvolvimento a partir de um aporte teórico sobre fontes epistemológicas circundadas por aprofundamentos frutos de reflexões teórico-conceituais. O mesmo tece reflexões sobre o desenvolvimento e de como a sociedade, instituições, organizações e empresas se adaptam numa circularidade referencial (MORIN, 2005; PINHEIRO, 1995; KUHN, 1982). Neste sentido, no lugar tradicional de descrever amostra e técnicas processuais de campo, este estudo consistiu em seguir um raciocínio conceitual envolvendo matrizes epistemológicas, ancorado nas trocas de concepção entre pesquisador e objeto a ser estudado (STEIN, 2014; SANTOS,



2001; ZILLES, 2007; HEIDIGGER, 1999; HUSSERL, 1986). Na fenomenologia (HEIDIGGER, 1999 E HUSSERL, 1986), as relações entre sujeito-objeto há evidências intencionais entre pesquisador e objeto a ser investigado, a exemplo da existência de reciprocidade sujeito-objeto que parte de expectativas apreendidas da realidade em contraponto ao Positivismo, este fortalecido pelo avanço das ciências naturais com pesquisas consolidadas a partir de hipóteses, variáveis e relações de causa e efeito com inferências que chegam a conclusões explicativas como verdades (CAPRA, 1996; 2002; 1982). Ressalta-se que a fenomenologia, como base metodológica, insere-se neste estudo pelo fato de o próprio pesquisador fazer a escolha do objeto de estudo que o induz a inferir suas próprias premissas nas análises a serem desenvolvidas e pelos seus conhecimentos pertinentes a pesquisas realizadas, sem contudo ignorar a cientificidade, embora o existir e o ser esteja na concepção do sujeito que o apreende (HEIDIGGER, 1999).

Na comparação ente as matrizes fenomenológica e positivista e o desenvolvimento, a primeira tem seu foco na forma interpretativa e a segunda é pautada pela experiência e a razão (CAPRA, 1996; 2002), sendo que ambas inferem modelos de desenvolvimento a partir de concepções divergentes sobre a realidade, sendo uma pela razão e outra pela concepção sujeito-objeto. A matriz fenomenológica consolida uma sagra na qual nem a consciência abarca todo o conhecimento, como também a realidade vista na ótica do desenvolvimento não se imiscui de ser desvelada na sua totalidade. Segundo Souza (2012) a fenomenologia considera que não existem objetos em si, estes existem para um sujeito que apreende seu significado o qual é apreendido pela pessoa que o concebe na sua mente. O objeto (desenvolvimento) é definido a partir de uma consciência, sendo sempre objeto-para-um-sujeito que o concebe ao seu modo a partir de diferentes concepções de mundo, a medida que pretende desvelar a verdade incontida em significados para uma cognição produzida na mente. Já o positivismo delinea uma realidade (desenvolvimento) a ser constituída nas práticas sociais, nas quais o conhecimento científico é a única forma de alcançar o verdadeiro conhecimento, sendo este o 'regente' da sociedade numa relação de causa-efeito ditado pela razão.

O texto aprofunda saberes acerca das matrizes epistemológicas do conhecimento relacionados ao desenvolvimento, estratégias e competitividade de organizações e do desenvolvimento local e regional. Igualmente, são proporcionados subsídios teóricos para um aprofundamento acerca das questões que norteiam o *status quo* social em termos de seus



modelos de desenvolvimento na forma de reflexões e questionamentos que norteiam os paradigmas que se refletem nos formas e modelos sociais que impactam a sociedade de maneira sistêmica e complexa (MORIN, 2005; DEMO, 2002).

Os aprofundamentos, abordados neste estudo, tem por objetivo suprir uma lacuna voltada à reflexão e à capacidade analítico-crítica de pensar e repensar as formas de como o desenvolvimento se consolida nas organizações e na sociedade a partir das matrizes epistemológicas utilizadas em processos teórico-metodológicos sobre o desenvolvimento que, inclusive, tornam-se fontes paradigmáticas na forma de como vemos o mundo (KUHN, 1982; MORIN, 2005, MORGAN, 1996). As mudanças ou permanências em determinados pressupostos da economia, demografia, tecnologia ou política se refletem de forma determinante no ambiente social das instituições, organizações ou empresas que se afiliam à estrutura paradigmática vigente.

Este ensaio caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, mas não conclusiva aos moldes da ciência quantitativa recheada de hipóteses, amostras e generalizações. Segundo Meneghetti (2001), enquanto a ciência adquire autonomia valorizando o conhecimento para promover generalizações que façam com que um número cada vez maior de pessoas passe a compreender o mundo a partir da instituição de uma racionalidade baseada em pesquisas de cunho quantitativo e calculista, este ensaio valoriza valores relacionados às mudanças conceituais que ocorrem nos meios sociais.

Análises conceituais de matrizes epistemológicas, inseridas nas práticas do desenvolvimento, permitem explicar os modelos que impactam na sociedade. Estes modelos são percebidos no alinhamento das estruturas do pensamento contributivo aos moldes ideológicos do Estado para o desenvolvimento social, cultural, histórico, econômico e político de regiões, localidades, instituições e organizações, criando aprisionamentos aos formalismos e enquadramentos paradigmáticos institucionalizados em processos que restringem a apreensão de modelos do desenvolvimento alhures e desconhecidos (MORIN, 2005).

Parte-se do pressuposto de que 'o *compreender*' do contínuo devir da sociedade, da ciência e do desenvolvimento, a partir de teorias e visões inseridas em práticas institucionalizadas, é parte intrínseca do homem que, em novos descobrimentos, alerta para novos desvelamentos, teorias e arcabouços estruturantes. Estes, quando desvelados, proporcionam avanços nos processos do entendimento das mudanças sociais, culturais,



políticas e econômicas como premissas da evolução e inovação ou como parte de um processo ideológico imposto por aparelhos institucionalizados pelo Estado. Menghetti (2001) atenta que o ensaio teórico prima pela reflexão, interação, construção e subjetividade em contínua circularidade:

o ensaio não requer um sistema ou modelo específico, pois seu princípio está nas reflexões em relação aos próprios sistemas ou modelos. Permite a busca por novos enfoques e interação permanente com os próprios princípios da forma. No ensaio, busca-se a construção da forma adequada, mesmo que esta não exista a princípio. Nele, o objeto exerce primazia, mas a subjetividade do ensaísta está permanentemente em interação com ele. (2001, p.2)

Este ensaio teórico-analítico dos condicionantes epistemológicos inerentes ao desenvolvimento na implementação de estratégias locais e regionais, faz parte do conhecimento horizontal e vertical da sociedade em seus diferentes períodos históricos. Estes seguem construtos e condicionalidades estabelecidas ou subvertem modelos consolidados aos auspícios de fontes paradigmáticas (KUHN, 1982), frutos de processos estruturantes ou mesmo desestruturantes a partir de conhecimentos com origens na inovação, a exemplo da desocultação de realidades ou de conhecimentos latentes, mas com origens em novas fontes conceituais.

Não se trata aqui de proporcionar respostas ou criar uma nova matriz epistemológica, mas, a partir das matrizes existentes, sejam as em declínio ou em ascendência, discutir a estrutura e a lógica sobre as quais a sociedade é estruturada. Trata-se de inovação conceitual e relacional entre teoria e desenvolvimento, cujos resultados permitem a configuração de reflexões e dúvidas intrínsecas ao entendimento do desenvolvimento factuais das organizações e do desenvolvimento regional a partir das matrizes epistemológicas.

O tema deste trabalho justifica-se por seu propósito de abordar matrizes epistemológicas inseridas em modelos do desenvolvimento econômico, social, cultural, histórico e político objetivando explicações na utilização das estruturas nas organizações. Este enfoque permite aprofundamentos e novos *insights* sobre uma base conceitual que considera não apenas a complexidade do tema, mas aprofundamentos sobre a linguagem.

2 Delineamento metodológico

Conceitualmente, o delineamento metodológico consistiu em seguir um raciocínio conceitual a partir do enfoque em diferentes matrizes epistemológicas (STEIN, 2014; SANTOS, 2001), pelo fato de ancorar-se nas trocas de concepção entre matrizes epistemológicas, ciência, pesquisador e objeto (ZILLES, 2007). Nas relações entre sujeito-objeto há clarividência intencional entre o pesquisador e o objeto a ser investigado, a exemplo da existência de reciprocidade sujeito-objeto que parte de expectativas apreendidas da realidade ao contrário do positivismo, este fortalecido pelo avanço das ciências naturais com pesquisas consolidadas a partir de hipóteses, variáveis e relações de causa e efeito com inferências em leis explicativas fundamentadas por experimentos e pela razão. Ressalta-se que a fenomenologia, como base metodológica, insere-se neste estudo pelo fato de o próprio pesquisador fazer a escolha do objeto de estudo ou modelo de desenvolvimento que o induz a inferir suas próprias premissas nas análises a serem desenvolvidas e pelos seus conhecimentos pertinentes em pesquisas já realizadas, sem contudo ignorar a cientificidade.

A fenomenologia consolida uma sagra na qual nem a consciência abarca todo o conhecimento, como a realidade não se imiscui de ser desvelada na sua totalidade. Segundo Souza (2012) a fenomenologia considera que não existem objetos em si, estes existem para um sujeito que apreende seu significado. O objeto é definido a partir de uma consciência, sendo sempre objeto-para-um-sujeito que o concebe ao seu modo a partir de diferentes concepções de mundo a medida que pretende desvelar a verdade inconstante em algo significado para uma cognição produzida na mente.

Igualmente, o presente estudo consiste em um estudo exploratório-descritivo e qualitativo. Exploratório pelo fato de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens conceituais, além de familiarizar-se e elevar a compreensão do problema formulado.

3 Desenvolvimento e matrizes epistemológicas

Desde os primórdios da civilização o homem tem no seu âmago a busca pelo desvelamento da realidade e para tanto alicerça-se de construtos cognitivos e matrizes que



buscam ‘o *entender da realidade*’ e formas de esta ser construída e compreendida. Correntes epistemológicas foram concebidas para explicar entender o real e construir formas de ser o mundo e como este se desenvolve em suas diferentes vertentes. Segundo o filósofo Heráclito, pré-socrático de Mileto, o mundo vive num contínuo devir, pois o ambiente muda e nós mudamos com o mesmo, ou seja, não é apenas o mundo que muda, mas também nossos construtos quando, para fatos idênticos ou repetidos em momentos diferentes e em formatos semelhantes, nossas percepções, análises e conclusões se alteram a partir de novos *insights*. A ciência inserida em estruturas mentais, que compõem a visão de mundo, estimula a criação de cognições mentais de como o ambiente é revelado, enfatizando o processo analítico através do qual são atribuídos significados ao que é concebido e que, num segundo momento, outorga regularidades analíticas-conclusivas.

No contínuo devir, as mudanças se processam nas instituições e organizações concebidas por entes vivos circundadas pelo ambiente. Este ambiente, desde o final do século passado quando da globalização e da revolução científico-tecnológica, ampliou-se consideravelmente aumentando a interdependência entre as organizações e nações proporcionando amplitude à complexidade e ao caos aparente (AZEVEDO, 2013; FRIEDEN, 2008; DICKEN, 2010; PORTER, 1986; 1982; GHEMAWAT, 2012; PRIGOGINI, 1996).

Realçam-se as grandes transformações que ocorreram em períodos passados. Estas podem ser espelhadas nas grandes navegações do século XV e XVI, quando espanhóis e portugueses se lançaram além mar para descobrir novas terras; a Revolução Industrial identificada pela mudança da produção artesanal para a fabricação industrial; e a Revolução Científico-Tecnológica baseada na evolução de tecnologias baseadas em ambientes da eletrônica, informática, mecânica fina e química fina e, mais recentemente, o desenvolvimento da nanotecnologia, esta que proporcionará em futuro próximo profundas transformações no modo de percepção e na vida das pessoas (HOLANDA, 2010; GHEMAWAT, 2012).

A ciência, seja ela básica, aplicada ou técnica, também evoluiu a partir de diferentes fontes paradigmáticas alicerçadas em novas cognições do que a mente considera como um caminho para novas verdades. O período compreendido pelos séculos XV ao XIX foram permeados de conceitos voltados a processos baseados na lógica e racionalidade humana, a exemplo do cartesianismo e do positivismo (DESCARTES, 2003). Estes tiveram forte influência na formação da sociedade e das organizações, que passaram a proporcionar novas estruturas



de produção que culminaram com a Revolução Industrial cujas fábricas passaram a estabelecer processos baseados na divisão e especialização do trabalho, além de, sociologicamente, excluir do artesão-trabalhador a propriedade e o poder sobre os meios de produção que passaram a ser determinados pelo proprietários dos bens e por conseguinte do capital.

As escolas, com base no modelo positivista, passaram não apenas a absorver a ideologia dominante, como também foram fonte inspiradora em embutir em suas estruturas os mesmos padrões sofisticados do mundo empresarial implementando simbologias, regras e procedimentos vinculados às necessidades impostas pelos empregadores (GADOTTI, 2012). À sociedade, foram impostas as obrigações de formação dos empregados a serem recrutados e contratados para as funções que as empresas necessitavam, não só em termos técnicos, mas também imbuídos pelo pensamento linear e burocratizante, ou seja, o tarefeiro de características positivistas denominado de o 'homem máquina', que passou a subordinar-se a processos planejados.

Atesta-se que pesquisas, mormente existentes no campo das organizações, especializaram-se em pesquisas dotadas de hipóteses que delimitam processos vinculados a relações de causa e efeito. Estas, com características cartesianas/positivistas, caracterizam-se como quantitativas baseadas em hipóteses a serem falseadas ou validadas por estudos estatísticos (SAMPIERI, CALLADO e LUCIO, 2013). As mesmas possuem como origem uma base de dados provida de ambientes fundamentados por visões de raciocínios cartesianos e positivistas que tem por base modelos matemáticos, mas vilipendiados pela visões de análises qualitativas.

Os modelos quantitativos são caracterizados pelas práticas deterministas e lineares isentam-se da visão sistêmica do que está sendo vivenciando, sendo fruto de visões do momento e cujos resultados já não são mais pertinentes à emergência de novas injunções e, inclusive, suas inferências podem não vigorar no futuro devido à evolução de ambientes complexos associados à autopoiese (MORGAN, 1996; MATURANA e VARELA, 2001 e 1997; MATURANA, 2001). Neste sentido as empresas criam estruturas, relações, comportamentos e estratégias ainda voltados a ambientes conhecidos e determinísticos com altos índices concorrenciais de 'mata-mata' e se esquecem de criar ambientes inovadores inspirados em novas matrizes epistemológicas de ambientes concorrenciais desconhecidos (KIM e MAUBORGNE, 2005). Em leitura de Edgar Morin, este reflete sobre ambientes controlados que



se locupretam em estruturas determinísticas:

nosso pensamento deve investir no impensado que o comanda e controla. Nós nos servimos de nossa estrutura de pensamento para pensar. Será preciso também nos servirmos de nosso pensamento para repensar nossa estrutura do pensamento. Nosso pensamento deve retornar à sua fonte em forma de circuito interrogativo e crítico. Senão, a estrutura morta continuará a guardar pensamentos petrificadores (2005, p.35).

A base do desenvolvimento da sociedade e por conseguinte das instituições, historicamente, neste cenário, originam-se das relações emergentes de estruturas sociais e dos modos de produção frutos de grandes transformações. Estas podem estar associadas a quatro macro períodos historicamente definidos: a Pré-história, a Idade Antiga, a Idade Média, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea.

A Pré-história é descrita pelas formas rudimentares da comunicação baseada em símbolos e gestos, nos quais o homem estava sujeito essencialmente aos ditames proporcionados pela natureza, a exemplo da caça e pesca ensejando, inclusive, o nomadismo quando os recursos naturais se extinguíam. A Idade Antiga, com o advento da escrita, plantio e colheita e processos de territorialização, deu-se início à criação do Estado proporcionando um enfoque legislativo e organizacional, além de dar origem às diferentes religiões, à filosofia e ao desenvolvimento da ciência. A Idade Média, com o apogeu do Império Romano, a religião passou ser mediadora com fortes interferências no Estado e na sociedade. A Idade Moderna foi caracterizada pelo feudalismo que culminou com a Revolução Francesa devido as fortes relações desproporcionais entre produtores, proprietários de terras e mercantilistas. A Idade Contemporânea que, com as ideias iluministas, contribuiu para o progresso científico e entendimento do homem e da sociedade, mas também marcado pela Revolução Industrial e pelas grandes guerras mundiais que infligiu grandes mudanças nas hegemonias de nações e a criação de blocos econômicos e instituições com ingerências internacionais, a exemplo do Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio.

A existência destes macro períodos da história, ensejou diferentes estruturas sociais e estímulos ao desenvolvimento. Concebe-se que grandes avanços se deram com o desenvolvimento da escrita e da ciência, contudo é notório que as maiores mudanças no *modus operandi* social tiveram origem em circunstâncias revolucionárias a exemplo da Revolução



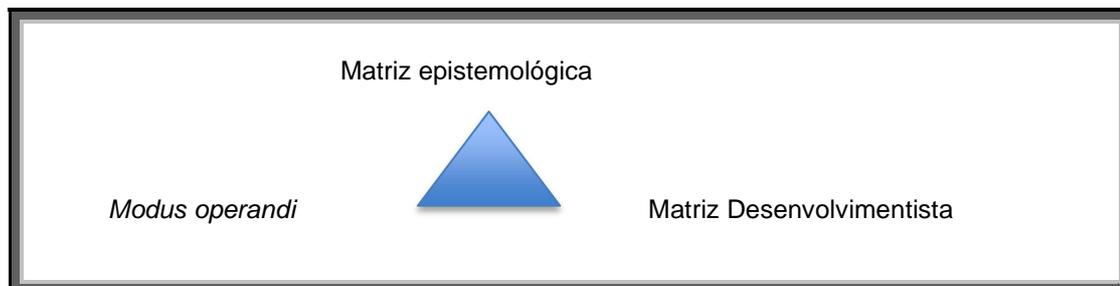
Francesa de 1789-1799, quando ideais de tradição e hierarquia pré-existentes foram subvertidos pelos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade (*Liberté, Egalité, Fraternité*).

Na ciência, segundo a teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn(1982), períodos revolucionários proporcionam a existência de novas estruturas e modelos sociais baseados em fontes paradigmáticas emergentes e que subvertem teorias pré-existentes. Estas fontes baseiam-se em diferentes correntes epistemológicas baseadas em teorias de pensadores cujos construtos historicamente são conhecidos como: positivismo, estruturalismo, materialismo histórico, fenomenologia, teoria sistêmica e mais recentemente as teorias da complexidade e da autopoiese (MATURANA e VARELA 1995, CAPRA, 1996).

Estas teorias fundamentam-se em diferentes concepções cognitivas de como é percebida e construída a sociedade, seja na concepção social, econômica e ou cultural, pois partem de pressupostos explicativos baseados em diferentes correntes epistemológicas. Na emergência de uma nova corrente epistemológica, há estímulos à criação de uma nova matriz que passa a ser alvo de discussões e após a sua aceitabilidade, passa a ser aceita pela comunidade dominante. A nova matriz induz ideologias, tanto em função da concepção metodológica escolhida, como das regras e procedimentos a serem adotados e embutidos em processos sociais, constitui-se em balizadora de regras e procedimentos institucionalizados, a exemplo das revoluções científicas baseadas na emergência do novo paradigma propostas por Thomas Kuhn (1982).

A aceitação da matriz epistemológica, na apreensão de esta tornar-se o foco dominante de inspiração desenvolvimentista, a mesma passa a proporcionar um arcabouço metodológico de circularidade. A comunidade passa a criar estruturas e absorver novas regras nos níveis conceptivos e operacionais mudando formas de conceber e mudar a realidade. A medida que toda a sociedade passa a se desenvolver dentro de um novo campo referencial (matriz), a formas do fazer e entender tendem a ser recursivos à matriz escolhida formando uma tríade relacional entre a matriz epistemológica, *modus operandi* e matriz desenvolvimentista (Fig. 1).

Figura 1: Tríade relacional



Nesta senda, a matriz induz o arcabouço metodológico investigativo proporcionando modelos processuais para o estudo de fatos e realidades que, por seu turno, traçam uma forma cognitiva de como ver e conceber a realidade a ser investigada, seja esta uma região, local, instituição ou empresa. Contudo, pode haver espaços de inconsistência entre diferentes matrizes paradigmáticas uma vez que insurgem incompatibilidades entre as mesmas.

Ressalta-se a existência da competição entre diferentes correntes da comunidade científica, quando estas se submetem a teorias divergentes que perturbam tradições historicamente definidas dando origem a conflitos que proporcionam a emergência de revoluções científicas, indicando mudanças, denominadas de ambientes de resistência, pois a mudança gera desequilíbrios e alterações de zonas de conforto pré-estabelecidas.

Neste porvir, a sociedade passa a eleger uma nova matriz do desenvolvimento dentro de crenças baseadas em novos modelos do desenvolvimento, bem como explicar e analisar as mudanças sociais. Os praticantes da matriz eleita consideram que, quando esta é escolhida, a mesma passa a ser a principal fonte para o delineamento do desenvolvimento de territórios, criando estruturas que, quando imbuídas do novo paradigma, passam a impor regras sociais que confirmam o *status quo* proposto a exemplo dos períodos marcantes da história. Neste sentido, a matriz contribui, quando eleita, para a implementação de mudanças sociais constituindo-se, como nova matriz para as aspirações sociais.

Na sociedade, as grandes mudanças advindas do ambiente voltado ao desenvolvimento da informação não existiria se não houvesse a revolução científico-tecnológica. Esta ensejou a criação de uma nova estrutura não somente para as organizações, mas também para a sociedade em substituição à sociedade fordista, proporcionando um novo ciclo de acesso a



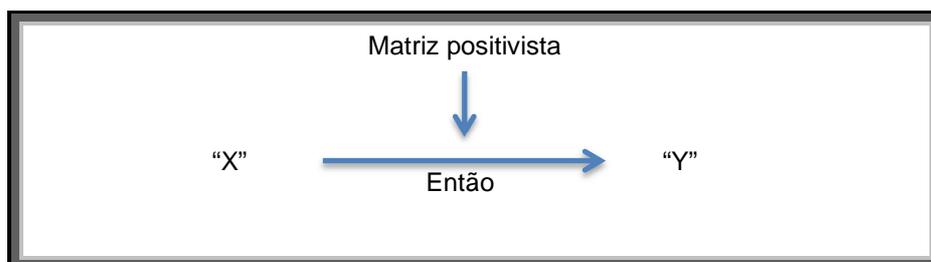
uma nova realidade informacional em tempo real no qual as organizações, cidades criaram novas estratégias de desterritorialização. Estas não alteraram somente as bases operacionais, mas os paradigmas de localização e de governança, pois o ambiente *on-line* extrapolou processos relacionais e organizacionais físicos e localizados, criando novos paradigmas sociais e inter-relações do desenvolvimento local e regional. Países e regiões passaram a agregar novas fontes e estratégias do desenvolvimento associando o local com o global, além de agregar novas competências e funções à sociedade e pessoas (DICKEN, 2010; BAUER, 1999).

As instituições, organizações e empresas passaram a ser inspiradas no novo modelo paradigmático em contraponto ao positivismo que inspirou a Revolução Industrial, quando foram criados modelos institucionais como progenitores do ambiente empresarial. No positivismo as instituições foram modeladas pelos critérios lineares – poder, hierarquia, tarefa, pontualidade, méritos e obediência. Em contrapartida as empresas passaram a modelar suas linhas de produção em modelos de produção em série (fordista) com critérios de admissão e emprego espelhado nos mesmos critérios utilizados na aprendizagem escolar. Enquanto hoje, percebem-se evidências que estes modelos são arcaicos e substituídos por modelos colegiados nos quais o individual é preterido pelo coletivo.

As relações entre desenvolvimento e sociedade dentro de determinada matriz epistemológica passa a ser operacionalmente circular. O sujeito, que analisa a realidade pelo seu enfoque teórico-metodológico baseado na matriz escolhida, passa a perceber a factualidade pela sua filtragem de percepção mental ancorada pela forma de ver o objeto, da mesma forma que um gestor percebe o mercado dentro de uma concepção fenomenológica a ser desvelada (HEIDEGGER, 1999; MORGAN, 1996; MORIN, 2005). A realidade passa a ser concebida em uma relação interativa entre seus pressupostos de compreensão prévios da sua organização frente as suas interações com o que é percebido como pressuposto.

Esta circularidade pode ser visualizada a partir da matriz positivista, quando se percebe reações por uma simples relação de causa e efeito. Parte-se de uma visão cognitiva cartesiana quando as percepções do real se baseiam na linearidade e disciplinaridade, cujos resultados são, para o ente conceutivo, previsíveis, a exemplo de incrementos em “X” implicariam diretamente no aumento ou diminuição de “Y” (Fig.2).

Figura 2: Matriz positivista: implicação de causa-efeito



Entretanto, outro sujeito, na interpretação do mesmo fenômeno a partir da matriz sistêmica, passa a ancorar suas análises em múltiplos fatores interdependentes, simultâneos e intersequenciais, cujos resultados passam a ser difusos e interdisciplinares. Neste caso há injunções interdependentes de relações históricas, sociais, culturais, políticas e econômicas que se inter-relacionam, ou seja, segundo a visão sistêmica, determinados fatos iniciais podem gerar efeitos imprevisíveis, que na matriz positivista não seriam cogitados devido a racionalidade conceitual, como também não seriam objeto de qualquer discernimento, apenas haveriam diagnósticos relegados a erros processuais interpretativos. Fazendo uma análise sistêmica em estratégias de inovação e suas inferências múltiplas, Batalha infere que:

uma estratégia de inovação pode ter repercussão não somente sobre as atividades da firma, mas também sobre todo o setor. Assim, uma inovação tecnológica em dados elo da cadeia agroindustrial pode ter repercussão sobre a dinâmica do funcionamento de todo o sistema” (2001, p. 127).

O seguidor da matriz fenomenológica e do materialismo histórico teriam outras leituras. O fenomenológico interpretaria este fenômeno segundo a relação sujeito-objeto, que o concebe ao seu modo a partir de diferentes concepções de relações incontida em significados para uma cognição produzida na mente a ser desvelada. Na concepção do seguidor do materialismo histórico este faria uma análise de relações de ordem social juntamente com a divisão social de classes determinadas pelas relações, modelos e ordens sociais institucionalizados pela troca de bens e produtos historicamente determinada pelas relações de produção (SANTOS, 2001).

Estratégias do desenvolvimento, da mesma forma, também são criadas a partir de diferentes modelos conceituais eleitos, sejam estes positivistas, fenomenológicos, materialistas históricos, estruturalistas ou sistêmicos. A estratégia liderada pelo agente ou gestor do



desenvolvimento, a partir de diferentes escolhas, cria e implementa estratégias sobre as quais espera alinhar as forças locais e ou regionais. Contudo, as estratégias, numa visão mais recente, carecem de visões sistêmicas que envolvam as múltiplas inferências de variáveis que podem diretamente ou indiretamente fluir para diferentes efeitos circunstanciais.

Na prática, uma estratégia de desenvolvimento, quando ancorada em modelos que seguem uma determinada matriz desenvolvimentista, estará novamente dentro de uma circularidade. O modelo influi na estratégia e a estratégia consolida o modelo na sua operacionalização e nos resultados esperados. Esta realidade pode ser confrontada em empresas que, baseadas em estratégias globais, mapeiam novas fronteiras fundamentadas na economia global. As empresas, neste sentido, embora produzam localmente, ancoram, como visionárias, suas estratégias na globalização (DICKEN, 2010; THOMPSON Jr, STRICKLAND III & GAMBLE, 2008; GHEMAWAT, 2012, BECKER & WITTMANN, 2008).

4 Evolução e condicionalidades do desenvolvimento

4.1 Evolução

O desenvolvimento não se caracteriza como um *continuum* ascendente. Espelhando-se no modelo da evolução da ciência de Thomas Kuhn em sua obra *Estrutura das Revoluções Científicas* (1982), os modelos do desenvolvimento não se processam de forma contínua mas por meio de revoluções precedidas e sucedidas por turbulências entre diferentes correntes epistemológicas. Estas são intercaladas por períodos consensuais baseados em um padrão estratégico de desenvolvimento voltado para comunidades que o seguem. Neste cenário, podemos identificar o ambiente pós - II Grande Guerra caracterizado pelas estratégias internacionais de dependência definidas pela '*guerra fria*' a partir das duas grandes potências: Estados Unidos e Rússia.

Este cenário pode ser interpretado em outras eras da história proporcionados pela hegemonia de nações. Países, comunidades científicas e governos compactuam ou são compactuados a seguir determinadas estratégias desenvolvimentistas que estabelecem estratégias delineadoras das estruturas, processos e ações imbuídos dos modelos propostos. Neste contexto, processos de governança se utilizam das matrizes epistemológicas, a exemplo



do positivismo, da fenomenologia, do materialismo histórico, do estruturalismo e das teorias sistêmica e da complexidade para introduzir novos paradigmas que alteraram significativamente o modo como a sociedade passou a se desenvolver e por conseguinte entender o que é desenvolvimento.

Na economia e nos negócios as matrizes implicam na indução de cientistas e gestores em formas de estes verem e modelarem as organizações e a sociedade. Como exemplo, temos as matrizes cartesiana e positivista que deram asas à divisão e compartimentalização do trabalho baseados em pressupostos que proporcionaram o advento da Administração Científica na estruturação das empresas. Estas, por seu turno, restringiram a existência de percepções relativas a ambientes complexos (CAPRA, 1996; BAUER, 1999).

O homem, imerso nestes pressupostos, é submetido a estruturas sociais que, por sua vez, se inserem em um contexto historicamente determinado e submetido a linhas de pensamento que influenciam as formas cognitivas do conhecer (MORIN, 2005). Estas linhas modelam os indivíduos segundo uma ordem estabelecida que consistem em formas de como conceber a realidade. Neste devir, citam-se o Cartesianismo, Taylorismo, Fordismo e Positivismo que se constituem em modelos de pensamento ortodoxos, lineares e reducionistas que levaram a sociedade e os indivíduos ao *status* de homem objeto em contraponto à visão sistêmica e sistemas autopoieticos (CAPRA, 1996; MATURANA, 2001).

As matrizes epistemológicas, cartesianismo, positivismo, materialismo histórico, estruturalismo, visão sistêmica, cibernética, teoria da complexidade, sistemas autopoieticos, sistemas complexos adaptativos e empresa quântica (MORIN, 2005; DEMO 2002; AGOSTINHO, 2003; CASTELLS, 1999; MATURANA e VARELA 1995; DEMO, 2002), consistem em formas, práticas e entendimentos alternativos para o entendimento de uma realidade seja das organizações como também da natureza, da sociedade, do local e ou da região, como também implementar mudanças estruturais. Denominam-se estas matrizes como princípios norteadores na aplicação de conceitos estruturais e práticas metodológicas dadas como referenciais científicos do conhecimento e da determinação de construtos que proporcionam vínculos entre o pesquisador e a sociedade que passa a absorver determinadas teorias como verdades absolutas. Neste conceito tem-se o exemplo da evolução dos estudos da astronomia, quando Ptolomeu defendeu o sistema geocêntrico e que sobre o qual era explicado os



movimentos dos astros celestes e que posteriormente foi substituído pela sistema heliocêntrico de Copérnico contrariando a teoria anterior estabelecendo novos conceitos sobre a astronomia.

De mesma forma, consensualiza-se que, com o advento de novas matrizes epistemológicas em contraponto à matriz positivista e cartesiana, a exemplo da teoria da complexidade, o caos organizado, a cibernética, a autopoiese, sistemas complexos adaptativos e empresa quântica, há consensos sobre a emergência de novas formas de apreensão cognitiva e de mudanças da sociedade (CAPRA, 1996; LUHMANN, 1996; MATURANA, 1997; AGSOTINHO, 2003). Estas fontes paradigmáticas estimularam a introdução e desenvolvimento, nos campos conceitual e empírico, da gestão das organizações como também do desenvolvimento devido a processos interativos entre ambiente e organizações desde que permitidas pelas suas próprias estruturas.

Espelhando-se nas estratégias organizacionais, as empresas adaptam suas estratégias ancorando-se na evolução de matrizes. Novos conceitos as permitem competir em mercados emergentes a exemplo da customização de seus produtos, novas configurações organizacionais, ênfase no conhecimento e capacitação de pessoas, flexibilidade operacional e busca de ambientes cooperativos associando a competitividade à cooperação (CARVALHO, 2012). Estas estratégias são opostas ao ambiente positivista que prega a linearidade de processos, mas que teve sucesso em uma época de baixa mudança e inovação e que não possui mais ancoragem estratégica em novos ambientes competitivos.

Contudo, há ambientes organizacionais cujo modelo segue as linhas positivistas em sua essência organizacional. Percebe-se nestes ambientes uma fraca competitividade propulsiva, pois o ambiente com fortes características competitivas estão voltadas para empresas do conhecimento nas quais a característica principal está voltada para matrizes que privilegiam a inovação e conhecimento ao contrário da visão linear e disciplinar. São realidades que não permitem serem explicadas pelas matrizes positivistas ou modelos newtonianos, ou seja, são modelos nos quais a ordem e desordem caminham juntas (PRIGODINI, 1996).

Em contrapartida as organizações são guindadas a ter seus atos determinados periodicamente em diferentes fontes paradigmáticas. Contudo, o pré-determinismo apenas existe quando estas estão vinculadas a modelos que delimitam suas formas de ver a realidade de forma que os gestores criam processos recursivos para que esta realidade se concretize (LUHMANN, 2009; MORIN, 2005).



4.2 Condicionais

As estruturas sociais são estruturadas a partir das matrizes epistemológicas, pois estas se constituem como paradigmas consensuais institucionalizados e que em algum momento da história subverteu ou subverterá modelos que não mais correspondem aos períodos historicamente determinados. As estruturas se justificam pelo fato da sociedade ter suas regras e procedimentos baseadas em estruturas consensualizadas em relações de produção e serviços como também em formas de poder e convivências sociais.

O positivismo instituiu um arcabouço teórico que inspirou o modelo da Revolução Industrial que reduziu o homem à uma máquina como também estimulou a divisão da sociedade em especialidades restringindo a inter e multidisciplinaridade. O homem passou a ser moldado a exercer atividades essencialmente específicas e repetitivas baseadas no modelo da divisão do trabalho subordinando-o às linhas de produção. Quando antes, como artesão, o homem era dono dos meios de produção, neste novo modelo, o mesmo passa a subordinar-se aos meios dos quais antes era proprietário.

Da mesma forma que René Descartes afirmava que o todo seria a simples soma das partes, as linhas de produção tayloristas e fordistas, passaram a institucionalizar que o produto final seria a simples somas de atividades parceladas e sequenciais executadas por máquinas e pessoas treinadas em atividades únicas.

Da mesma forma, a sociedade passou a ser dividida em especialidades, como o médico, professor, dentista, taxista ou pedreiro, enquanto as empresas implementaram a descrição de cargos e salários. O resultado foi a criação de uma nova matriz organizacional tanto da sociedade como das empresas e na sequência criaram-se modelos de desenvolvimento baseados na sociedade de consumo e na produção em massa, que deu origem à célebre frase de Henry Ford: *'o cliente pode ter o carro de qualquer cor, desde que a escolha seja preta'*.

Hoje com um mercado abastecido, impera a inovação no mundo dos negócios. Quando antes o dono do capital (empresário) construía o parque fabril, comprava máquinas e instrumentos de trabalho e contratava empregados, hoje o mesmo fica refém da inovação e do desenvolvimento de novas tecnologias que passaram a ser o epicentro do desenvolvimento.

O objetivo do desenvolvimento não é mais aumentar a oferta de produtos, mas equalizar a oferta e demanda dentro de uma economia sustentável. Quando esgota-se um mercado,



criam-se novos produtos para mercados existentes estimulando-os a substituir produtos considerados substitutos ou criam-se produtos para necessidades latentes. Contudo, há a um novo ingrediente, este agora voltado a atender aos ditames da sustentabilidades e novamente sistemas autocriativos passam a ser a mola propulsora do desenvolvimento. A identificação do novo modelo de desenvolvimento, em atendimento aos objetivos sociais, passa a equalizar o desenvolvimento da sociedade, agora, na forma sustentável.

Os novos aportes do desenvolvimento proporcionam novas linhas de ação conceitual utilizando-se de referenciais, de forma a construir uma nova matriz desenvolvimentista que proporcionem novas realidades a partir de uma nova revolução social pertinentes a novos modelos de vida. Não basta produzir e vender, mas compatibilizar qualidade de vida com sustentabilidade e desenvolvimento da sociedade.

5 Conclusão

O presente estudo compreendeu um enfoque investigativo relacional de matrizes epistemológicas e condicionantes do desenvolvimento considerando uma circularidade referencial. O enfoque do mesmo foi em compreender e analisar conceitualmente modelos condicionantes do desenvolvimento entre as matrizes epistemológicas com as estruturas e comportamentos conceptivos da sociedade. Fez-se aprofundamentos conceituais relacionais baseados em diferentes matrizes epistemológicas do conhecimento consolidadas historicamente até as recentes matrizes envolvendo a Teoria Sistêmica e a Teoria da Complexidade.

Os aportes desenvolvidos proporcionaram descrever preliminarmente uma linha de ação conceitual a partir de referenciais, técnicas, processos e métodos para construir formas de visualizar e conhecer cognitivamente o desenvolvimento conhecido ou a ser desvelado a partir de análises das matrizes epistemológicas, como também proporcionar uma reflexão de novas matrizes emergentes para proporcionar avanços à sociedade, hoje na forma sustentável.



REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Márcia E. *Complexidade e organizações: em busca de uma gestão autônoma*. São Paulo: Atlas, 2003.

AZEVEDO, Denise Barros de, et al. Complexidade e abordagem sistêmica: identificando similaridades entre a Teoria dos Stakeholders e o processo de gestão ambiental. *Gestão Contemporânea*, Porto Alegre, ano 10, n. 13, p. 11-23, jan./jun. 2013.

BAUER, Ruben. *Gestão da mudança: caos e complexidade nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1999.

BECKER, Dinizar F. e WITTMANN, Milton L. *Desenvolvimento regional: abordagens interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. *As conexões ocultas: ciência pra uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2002.

_____. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARVALHO, Fábio C. A. de (ORG). *Gestão do conhecimento*. São Paulo: Pearson, 2012.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DEMO, Pedro. *Complexidade e aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento*. São Paulo: Atlas, 2002.

DESCARTES, René. *Discurso do método e regras para a direção do espírito*. São Paulo: Matrín Claret, 2003.

DICKEN, Peter. *Mudança global: mapeando as novas fronteiras da economia mundial*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

FRIEDEN, Jeffry A. *Capitalismo global: história econômica e política do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GADOTTI, Moacir. *Educação e poder: introdução à pedagogia do oprimido*. São Paulo: Cortez, 2012.

GHEMAWAT, Pankaj. *Mundo 3.0: como alcançar a prosperidade global*. Porto Alegre: Bookamn, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1999.



- HOLANDA, Sérgio B. *Visão do paraíso*. São Paulo: Companhia das letras, 2010
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1986.
- KIM, W. Chan e MAUBORGNE, Renné. *Blue ocean strategy: how to create uncontested market space and make the competition irrelevant*. Boston: Harvard Business School Publishing, 2005.
- KUHN, Thomas S. *Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MATURANA, Humberto R. *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MATURANA, Humberto R. e VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *De máquinas e seres vivos (autopoiese) : a organização do vivo*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MENEGHETTI, Francis K. O que é um ensaio-teórico? *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, vol.15 no.2 Mar./Abr. 2011.
- MORGAN, Gareth. *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas, 1996.
- MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- PINHEIRO, Vinícios C. Modelos de desenvolvimento e políticas sociais na América Latina em uma perspectiva histórica. *Planejamento e Políticas Públicas*. No 12 - jun/dez de 1995.
- PORTER, Michael. *Estratégia competitiva: técnicas para análise da indústria e da concorrência*. Rio de Janeiro: Campus, 1986.
- _____. *Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- PRIGODINI, Ilya. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.
- SAMPIERI, Roberto H; CALLADO, Carlos F.; LUCIO, Maria del P. B. *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SANTOS, Tania S. Dos. Globalização e exclusão: a dialética da mundialização do capital. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 3, n.6, jul-dez 2001, p. 170-198.



SOUZA, Márcio N. C. Algumas considerações sobre a sociologia de Alfred Schütz. *Revista Eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC*. V.9, n.1 – Jan-jul de 2012. ISSN: 1806-5023.

STEIN, Ernildo. *Às voltas com a metafísica e a fenomenologia*. Ijuí: Unijuí, 2014.
THOMPSON Jr, Arthur A., STRICKLAND III, A. J. E GAMBLE, John E. *Administração estratégica*. São Paulo: Mcgraw-hill, 2008.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da Abordagem Gestaltica*. Vol XIII(92), p. 216 – 221, jul-dez 2007.